

Editorial

Este número da *Ícone*, dedicado à fotografia, marca ao mesmo tempo, a continuidade da revista, já no seu 17º ano, e uma estreia: a partir deste número a *Ícone* se volta para temas e reflexões do campo da imagem e do visual, que permeiam a pesquisa acadêmica. Para dar contorno à essa nova etapa, a concepção da revista muda, dando ênfase a núcleos temáticos manifestados de acordo com a oportunidade e ganho de força dos temas.

O caso da presente edição: *Fotografia 2000+10: Resistências, avanços e tensões da imagem no começo do século*, é sobretudo, uma tentativa de superar a questão da fotografia atual vista numa dicotomia pouco produtiva entre modelos pré e pós digitais. Se a primeira década do século foi capaz de reposicionar aspectos importantes vinculados à fotografia, certamente o caráter dialógico existente entre sociedade, informação e imagens exige avaliar os horizontes onde se assentam as práticas que norteiam o conjunto dos saberes e fazeres. É, portanto, uma tarefa contínua de visitar, questionar e posicionar discussões. Neste núcleo temático, a *Ícone* propõe esse mergulho: olhar o problema menos pelo lado dos seus efeitos e resultados, e mais pelos processos que orientam a mudança do lugar da fotografia.

A escolha foi feliz. A convocatória obteve mais de 30 proposições de trabalhos. Além dos artigos selecionados para este volume, a qualidade e densidade dos textos motivará a edição de um segundo número, que já está sob preparação, dá continuidade e dialoga com os textos aqui editados. Aguardem, para breve, a disponibilização.

Obviamente, o conjunto de artigos pode e deve ser lido de maneira interdependente e complementar. Tentamos, todavia, estabelecer agrupamentos de textos que permitissem um diálogo mais próximo, por acreditarmos que há nesse conjunto uma possibilidade de leituras transversais e justapostas.

No primeiro artigo, *A Fotografia e seus duplos: tão breve quanto possível*, Maurício Lissovsky nos traz uma condição ao mesmo tempo invariante e mutante. Seja na fotografia que toma banho (a analógica, através dos processos químicos), como na que não toma (a digital), está presente a de produção de dualidades e ambiguidades em que a fotografia sempre se depara quando se pretende objeto de discurso ou de expressão.

Antes da imagem: *a técnica e a tecnologia da fotografia*, de Wagner Souza e Silva, aborda a sempre incomoda e nebulosa oscilação da fotografia entre tecnologia e técnica. Cada uma dessas esferas traz sutilezas e silenciamentos que borram os limites entre o saber e o fazer fotográfico. É portanto, um texto essencial para adensar a discussão da fotografia contemporânea, móvel, instantânea e onipresente.

O que é o contemporâneo? Como ele se manifesta nas fotografias? Elane Abreu de Oliveira, no seu texto, *Sobre o contemporâneo e as imagens fotográficas*, problematiza a contemporaneidade entre o desconexo e anacrônico de Agamben, e a sua temporalidade entre presente e passado. A fotografia é tomada como modo

de ver e conhecer o mundo atual, menos ligada a uma ideia de algo que acontece simultaneamente e mais a uma inatualidade do tempo. Nisso, a fotografia deflagra ações e processos para a compreensão da nossa época.

Algumas das inquietudes dos três primeiros artigos, podem ser percebidos de modo mais ou menos direto no texto *Sete sintomas de transformação da fotografia documental*, de Susana Dobal. O fotodocumentarismo, lugar de conceitos e práticas clássicas da fotografia, assimila as pressões do contemporâneo, adquire novos repertórios técnicos e agrega subjetividade, recursividade plástica, e aproxima as polaridades entre realismo e ficção, relativizando e transcodificando o contrato entre documento visual e a visibilidade.

Esse campo de tensões também se apresenta no trabalho de Benjamin Picado, *Entre a Compassionalidade e os Tempos Vazios do Acontecimento: matrizes da discursividade visual no fotojornalismo contemporâneo*, o qual mapeia-se os eixos entre a imagem fotojornalística e suas potências comunicacionais. Destaca-se, sobretudo, a relação da compassionalidade como recurso representacional do histórico.

Julinana de Oliveira Teixeira e Paulo César Boni, através de um objeto de análise retirado diretamente da hiperexposição de a através das imagens a qual estamos expostos todos os dias, *Olimpin-up: O Tributo Imagético à Liz Taylor nas Páginas da Veja*, é um leque de perspectivas sobre a constituição da diferença entre a coisa mesma e a sua imagem. E, de como, em meio à cultura de celebridades, o ideal do inimitável, como ideal de projeção e identificação, lança mão de estratégias mitológicas contemporâneas.

Em *O fotodocumentário para além da factualidade: o virtual como dimensão essencial da fotografia documental*, Ana Carolina Lima Santos, volta a incomodar o lugar de conforto da fotografia documental, justapondo a dimensão do virtual como criador de um campo de forças presente na elaboração do resultado. Ao mesmo tempo, a fotografia documental atrita o testemunho factual e o potencial de invenção, de articulação com outros mundos existentes em potencial e que são atualizados por desvelamento, ou por fugir ao confinamento dos mundos e fatos concretos.

Explorando a condição de invisibilidade ou do irrepresentável, Katila Hallak Lombardi no seu texto *A potência do irrepresentável nas fotografias de Fait*, acua ainda mais a dicotomia entre representatividade direta e a subjetividade através do trabalho *fait*, de Sophia Ristelhueber. Ao mesmo passo que há a irrepresentabilidade de certas circunstâncias, como conflitos, se abre a possibilidade para a construção de um referencial a partir de desdramatizações, silêncios e vestígios como novas dimensões da capacidade política das imagens.

A abertura de espaços de visibilidade para a fotografia no século XXI encontra na web 2.0 e em sistemas como o flickr, a abertura para proposições estéticas. Para além do acesso aos meios de visibilidade, mais que nunca, a questão repousa sobre o acesso aos meios dessa produção simbólica. *Criação e estética comum no flickr: um novo lugar para velhas ideias?*, de Jane Cleide Maciel, investiga essa pulsão por buscar novas relações com o visual e questiona o quanto de novo há nesse movimento.

A cultura de convergência de meios e práticas gera um patamar de imagens-código. Partindo deste ponto, Cybeli Almeida Moraes, em *Para pensar a fotografia como pausa audiovisual*, aborda a aproximação entre fotografia e audiovisual como um desafio diante dos novos conceitos e paradigmas, especialmente num cenário de popularização dos aparelhos, sistemas e usos digitais, onde novas práticas

reposicionam a fotografia questionando aparelhos conceituais para compreender a produção deste novo.

Para fechar o número, *Cidades-clichês e cartões-postais: a memória coletiva da internet*, da autoria de Fabio Gomes Goveia e Lia Carreira Scarton, analisa o lugar do cartão postal na construção da memória coletiva das cidades através das imagens-clichês. O texto se volta para como este contrato entre a experiência do fotógrafo e o observador ausente da paisagem, assimilam novos elementos no regime visual que dialoga com a internet e os sistemas de compartilhamento de fotografias.

Evidentemente, o mosaico de complexidades e diversidades de temas que o estado de coisas da fotográfica contemporânea propõe, não pode ser esgotado em um número da Ícone. Esta observação serve justamente para indicar o prosseguimento desta discussão que virá com o próximo volume, bem como justificativa do novo horizonte da revista.

É um esforço que exige atenção para o mapeamento de temas emergentes, como também dos processos de condução editorial. Agradecemos desde já aos autores, que encaminharam seus textos e reflexões presentes nesse número especial. Explicitamos também o nosso reconhecimento ao corpo de pareceristas, que através de um esforço sério e comprometido, contribuíram para o contorno desta nova Ícone.

O conjunto desses esforços, pode ser verificado nos artigos.

- Boa leitura!

Os Editores.